

FUTEBOL E POLÍTICA: O AL AHLY NA EDITORIA MUNDO DA *FOLHA DE S. PAULO*

CAROLINE DE CAMARGO BUFELLI¹, RAFAEL DUARTE OLIVEIRA VENANCIO²

RESUMO

O artigo aborda a exploração da atuação política do time egípcio Al-Ahly na editoria Mundo do jornal diário *Folha de S. Paulo*. O time, vitorioso no futebol, é também personagem importante na política do Egito, participante ativo de manifestações e protagonista de uma das maiores tragédias em estádios já ocorridos, em Port Said, quando 74 pessoas foram mortas em conflito causado por rivalidades esportivas e motivações políticas. Assim, o caráter engajado da equipe a torna notícia em editorias que fogem ao esporte ou cunho futebolístico. No caso do jornal *Folha de S. Paulo*, o time é retratado na editoria Mundo, de cunho político-econômico, a tratar na maioria das vezes sobre assuntos mais densos que não são esportivos. Com isso, esse estudo pretendeu analisar como o time aparece nessa editoria que foge do foco do futebol, transformando o time em personagem político, deixando de exaltar suas atuações em campo.

PALAVRAS-CHAVE: Al-Ahly. Egito. *Folha de S. Paulo*. Política.

PALABRAS CLAVE: A-lAhly. Egipto. *Folha de S. Paulo*. Política.

KEYWORDS: Al-Ahly. Egypt. *Folha de S. Paulo*. Politics.

MOTS-CLÉS: Al-Ahly. Egypte. *Folha de S. Paulo*. Politique.

ABSTRACT

The article discusses the political role of the Egyptian team Al-Ahly in the Mundo editorship of the daily newspaper *Folha de S. Paulo*. The team, victorious in football, is also an important personage in politics of Egypt, an active participant of demonstrations and the protagonist of one of the biggest tragedies in stadiums already occurred, a conflict between team supporters in Port Said where 74 people were killed. Al-Ahly's political commitment makes it the object of sections dedicated to international politics to the detriment of sport. In the case of *Folha de S. Paulo*, the team is portrayed in the editorship Mundo, which, because of its serious nature, deals mostly with denser, non sportive issues. Thus, this study aimed to analyze how the team appears in newspaper sections whose focus is not football, a choice that turns the team into a political character and fails to exalt its performances on the pitch.

¹Faculdade de Educação (FACED). Universidade Federal de Uberlândia. João Naves de Ávila, 2036, Uberlândia, CEP 38.408-100, carol.bufelli@terra.com.br.

²Faculdade de Educação (FACED). Universidade Federal de Uberlândia. João Naves de Ávila, 2121, sala 1G 124, CEP 38.408-100, rdovenancio@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O Al-Ahly é um time egípcio fundado no ano de 1907. Nascido historicamente com o caráter político, o time e sua torcida não separam os assuntos. No Brasil, em contrapartida, a relação do futebol com a política não se dá da mesma forma. Enquanto que no Egito o futebol é tido como ferramenta de transformação social, no Brasil ele apenas reflete questões sociais e políticas, fazendo com que exista uma latente diferença entre os assuntos e suas maneiras de serem abordadas na mídia brasileira.

Assim, o presente artigo deu-se após um estudo da representação do time egípcio Al-Ahly e sua relação com a política local na versão *online* do jornal diário *Folha de S. Paulo*, na medida em que a visão brasileira sobre futebol e política destoa da visão egípcia e como um todo, do Oriente.

2 CONCEITUAÇÃO TEÓRICA

O Oriente, quando retratado pelo Ocidente, tem suas diferenças exaltadas. Suas maneiras de encarar política, religião e costumes são estampados no que Edward Said reconhece, assim, como Orientalismo, denominação aos estudos e representações do Oriente realizados pelo Ocidente. O futebol, espelho da sociedade na medida em que reflete os costumes da localidade onde está inserido, seja do Ocidente ou Oriente, não está à margem dessas representações.

Outra razão para insistir na exterioridade é que julgo necessário ficar bem claro, sobre o discurso e o intercâmbio cultural dentro de uma cultura, que aquilo que comumente circula não é a “verdade”, mas uma representação. Não precisa ser mais uma vez demonstrado que a própria língua é um sistema altamente organizado e codificado que emprega muitos esquemas para expressar, indicar, trocar mensagens e informações, representar, e assim por diante. Em qualquer exemplo, ao menos da língua escrita, não há nada que seja uma presença transmitida, mas antes uma *re-presença*, ou uma representação. (SAID, 2007, p. 52)

Said, no livro *Orientalismo*, explicita a relação entre a representação do Oriente e a criação e continuidade de estereótipos sobre tal construção intelectual.

Um aspecto do mundo eletrônico pós-moderno é que houve um reforço dos estereótipos pelos quais o Oriente é visto. A televisão, os filmes e todos os recursos da mídia têm forçado as informações a se ajustar em moldes cada vez mais padronizados. (SAID, 2007, p. 58)

A criação de julgamentos a partir da própria realidade faz com que os estudos, citações e olhares sobre o Oriente sejam algo criado, podendo muitas vezes fugir da realidade, não condizendo com o que acontece. No futebol também, o eurocentrismo costuma ser praticado sobre o poderio econômico dos times europeus sobre os times asiáticos e africanos. Compreende-se que o Orientalismo exerce uma pressão sobre o esporte também.

Assim, todo o Orientalismo representa e se afasta do Oriente: o fato de o Orientalismo fazer sentido depende mais do Ocidente que do Oriente, e esse sentido tem uma dívida direta com várias técnicas ocidentais de representação que tornam o Oriente visível, claro, “presente” no discurso a seu respeito. (SAID, 2007, p. 52)

Ao considerar o futebol o espelho da sociedade, tem-se todos os costumes de um povo ou comunidade refletidos em campo. A maneira de encarar o esporte se transforma e, assim, a relação deste com a política, a religião e questões sociais do local em que é praticado passa a ser cada vez mais forte. A depender de sua relação com a economia, o futebol de determinado local terá uma feição. A depender de sua relação com a religião, terá outra feição.

Franklin Foer, em *Como o Futebol Explica o Mundo*, discute o futebol com o olhar da globalização e se dedica a argumentar sobre o modo como o esporte, como o título da obra indica, explicaria o mundo.

É um paradoxo – repressão e triunfo – que leva a uma das questões mais espinhosas da história política do esporte. Umberto Eco colocou-a desta maneira: “É possível ocorrer uma revolução num domingo de futebol?” (FOER, 2005, p. 178)

O autor percorreu o mundo atrás de exemplos, histórias e personagens desse esporte para provar que, conforme a globalização se alastra, o futebol se torna palco das ações contemporâneas.

(...) o antropólogo Ivan Colvich, de Belgrado, mostrou que os torcedores [do Estrela Vermelha] levavam consigo para o *front* as canções cantadas nos estádios, alterando um pouco as letras para colocá-las claramente num contexto militar. (FOER, 2005, p. 26)

Relações políticas e religiosas passam, assim, a serem contadas à medida em que times do mundo todo são citados e suas histórias se tornam meios para que o leitor se convença de que o futebol explica o mundo, uma vez que torna seu aquilo que aparentemente é externo à atividade desportiva. Atualmente, pode-se perceber, por vezes, a presença da xenofobia e racismo dentro do esporte, não sem antes estarem presentes na sociedade civil que leva essas questões para o estádio, torcida organizada ou mesmo o próprio time.

A inovação da esquerda antiglobalização é seu apego ao tradicionalismo: a preocupação de que gostos e tendências globais venham a sufocar as culturas nativas. Evidentemente o futebol não é a mesma coisa que Bach ou o Budismo. Mas frequentemente provoca um sentimento mais profundo que a religião e, tal como esta, é uma parte do tecido comunitário, um repositório de tradições. (FOER, 2005, p. 9)

Assim, é possível fazer um paralelo entre o Al-Ahly e sua relação com a política egípcia. Historicamente conhecido não só por suas ótimas atuações em campo, o time não deixa de lado a participação em manifestações e lutas por direitos, democracia e mudanças sociais.

Ao participar de levantes políticos, o time se torna alvo de notícias, ultrapassando os limites das editoriais esportivas e chegando às editoriais políticas e de notícias com cunho formal, distante daquelas que tratam sobre futebol e esportes. E ao chegar, o time ganha representações, e com elas, interpretações.

3 HISTÓRICO

Iniciado em 1907, o Al-Ahly surgiu como um ponto de encontro da juventude esquerdista egípcia, que tinha como principal característica o patriotismo. Traduzido, o nome Al-Ahly significa ‘O Nacional’ e faz referência à luta contra a colonização, encarnada pela equipe. O Al-Ahly surgiu na busca por um lugar para a reunião de líderes dos sindicatos dos estudantes do Cairo, já que, na época, tais grupos eram fundamentais para a luta contra a colonização inglesa.

O Al-Ahly, na medida em que se relaciona com a questão política do Egito, desde sua criação, se mostra, assim, forte de maneira a levar para as ruas centenas de pessoas, que não só vestem a mesma camisa, mas, pelo fato de o fazerem, sugerem sua adesão à mesma ideologia. Para retratar o futebol do Al-Ahly é necessário primeiro entender suas raízes. O time não nasceu da simples vontade de se jogar futebol, mas, primeiramente, como um refúgio para aqueles que pensavam da mesma forma, indo contra a colonização imposta ao país na época. Para a história do time, em grande parte do tempo, interessam primeiramente suas lutas políticas e depois, suas conquistas em campo.

Não obstante, o Al-Ahly é um campeão. É o time com maior número de vitórias internacionais, 19. No Egito, o time já ganhou 37 vezes a Liga Egípcia e 33 vezes a Taça Egípcia, tornando-se importante personagem na história esportiva do mundo. Objeto das

páginas esportivas, o Al-Ahly também é alvo de notícias que fogem ao cunho futebolístico devido ao seu caráter político, sendo, assim, destacado nos noticiários do mundo.

Nas revoltas contra o ditador Hosni Mubarak, o país e o mundo viram milhares de pessoas saírem às ruas vestidas com os uniformes do Al-Ahly, como torcedores do time que mais ganhou no país egípcio. Por sua expressão de esquerda na política, o time lutou, na chamada Primavera Árabe, por melhores condições de vida e pela instauração da democracia. O time também foi notícia fora das editorias de esporte quando se envolveu na maior tragédia do futebol egípcio, no dia 01/02/2012, em Port Said. Na ocasião, 74 pessoas morreram após uma briga, no jogo entre Al-Ahly e Al Masry. O Campeonato Egípcio foi suspenso em decorrência do conflito e só recomeçou um ano depois.

A *Folha de S. Paulo* está entre os que noticiam o Al-Ahly, não só sobre suas atuações em campeonatos e ligas, mas também em matérias sobre conflitos e manifestações nas quais os torcedores do time e seus representantes se envolvem. Por ser um veículo de comunicação brasileira, a *Folha de S. Paulo* observa os fenômenos com o olhar de sua cultura. Especificamente no caso do futebol, o Brasil não encontra em seu esporte o cunho político e revolucionário do Egito. A relação forte entre as lutas revolucionárias e o futebol campeão do time egípcio é estranha para uma cultura como a brasileira, que separa os dois setores. O futebol, cabível habitualmente na parte restrita do jornalismo brasileiro, não se mistura à formalidade das notícias políticas. Por essa razão, este estudo procura tentar compreender de que maneira se dá a noticiabilidade do Al-Ahly na versão *online* da *Folha de S. Paulo*.

Inaugurado em 1960, o jornal *Folha de S. Paulo* se deu a partir de uma compilação de três cadernos do Grupo Folha, sendo eles a Folha da Noite, a Folha da Manhã e a Folha da Tarde. Atualmente, o diário tem tiragem média de segunda a domingo de 301.299 exemplares* e sua versão *online* carrega consigo os leitores da versão impressa, na medida em que apresenta mais conteúdos em sua versão digital.

4 MATERIAIS E MÉTODOS

Foram recolhidas para a amostra desse estudo 269 matérias do *site* do jornal *Folha de S. Paulo*, as quais faziam parte das editorias Esporte, Mundo, Colunas, Televisão e Painel do Leitor. Esse *corpus* reúne os resultados de busca pela expressão “Al-Ahly” no período entre 08/11/2005 a 06/07/2014. Todas as ocorrências se referem ao time egípcio e não a outros

assuntos, como por exemplo, o material sobre o time Al-Ahly da Arábia Saudita, que foi eliminado, reduzindo-se, assim, para 269 matérias o número inicial de 278.

O time adquire uma faceta dentro de cada editoria. Quando retratado nas notícias de Esporte, o time estava inserido em um contexto esportivo, referente a campeonatos, seu desempenho, derrotas, vitórias, partidas e jogadores. Todo o contexto futebolístico foi abordado nessa editoria e as exceções existentes são raras, apenas 28 de 212 matérias pertencentes a essa editoria. Nessas exceções, os temas discutidos se referiam aos embates nos quais torcida e time se envolviam.

Ao contrário, na editoria Mundo, o time é destacado por seu envolvimento na política, e observa-se que nessa seção sua expressão como time de futebol ficava diminuta, frente ao destaque nas revoluções e lutas no país. Nos 269 resultados gerais, a editoria Mundo aparece citando o time egípcio 29 vezes. Outros resultados também foram obtidos. Por 14 vezes, o Al-Ahly foi citado em colunas, sob a ótica da opinião do autor/articulista, uma vez na Guia Folha, uma vez na página Outro Canal, quatro vezes no Painel do Leitor, uma vez na página São Paulo e duas vezes na página Televisão. Percebe-se, assim, que o alvo de notícias sobre o time na editoria específica ainda é o esporte, o seu futebol.

Duas matérias da editoria Mundo foram destacadas para análise, a partir do fato de que se trata de uma editoria externa ao mundo esportivo noticiando acontecimentos relacionados a um time de futebol. Uma das matérias é de autoria de um jornalista brasileiro enviado ao Cairo, enquanto a outra é de uma agência de notícias. As notícias escolhidas servirão para ilustrar a hipótese do livro de Franklin Foer acima citado, na medida em que ligam o Al-Ahly aos eventos políticos do país. Mais ainda, fica claro nas duas matérias escolhidas, como é externa, para o jornalismo brasileiro, a conexão de futebol e política, ou deste com qualquer outro assunto de ordem formal, distante da descontração esportiva. E ao retratar um time que nasceu para ser político, essa característica brasileira se torna mais do que evidente.

A primeira matéria, do dia 16/12/2012, intitulada *Votação da Carta vira referendo sobre presidente do Egito*, noticia a votação para o referendo constitucional, que separou ainda mais os liberais e aqueles que apoiavam o presidente Mohamed Mursi, e defende que a votação da constituição foi além de seu propósito, significando até uma avaliação do mandato do então presidente. O referendo, segundo a notícia, acaba sendo recusado por aqueles que se opõem à Irmandade Muçulmana, movimento pró Mursi. A matéria contém o seguinte trecho: “Não li a Constituição, mas entendi pelos debates na TV que ela não atende às necessidades

mais urgentes, como criação de empregos’, disse o estudante Mohamed Eisham, 20, vestido com um agasalho do time Al-Ahly.” A presença desse detalhe, salientando o agasalho de Eisham, denota a necessidade da matéria de registrar a ponte percorrida pelo time entre esporte e política. A necessidade em se destacar o time para o qual o entrevistado torce vem para demonstrar que Eisham é liberal e, mais do que isso, que está contra o presidente Mursi, na medida em que o time Al-Ahly é conhecido pelo seu direcionamento político. Houve a intenção de descrever de que maneira ele estava vestido, para demonstrar a importância que o futebol exerce no país, de modo que o traje revela suas ideologias. O agasalho, na matéria, é mais do que uma simples descrição sobre a roupa do estudante ou seus costumes. Demonstra a importância política dentro de diferentes esferas, não só religiosa, mas também desportiva. O time representado pelo agasalho que Eisham veste se torna, na matéria, o objeto de luta política do país, e demonstra não só as intenções do entrevistado, mas também suas influências e a justificativa do seu voto.

A segunda matéria, que data de 02/02/2012 e intitula-se *Confronto em estádio agrava tensões políticas no Egito; 74 morreram*, se destaca entre todas. Ela discorre sobre as manifestações que aconteceram no país após uma das maiores tragédias em estádio de futebol. Um dia antes, após o jogo entre Al-Ahly e Al Masry, uma briga entre as torcidas se alastrou no estádio. Alguns torcedores acusaram a polícia presente no local de não ajudar a conter a violência. O próprio presidente do Parlamento, Saad Katatni, afirmou, segundo a matéria, que a confusão ocorreu por negligência e deficiência das forças de segurança, apesar das advertências quanto ao que poderia acontecer, que foram enviadas com antecedência. Ainda segundo a notícia, o político declarou que esse conflito faz parte de uma série de acontecimentos do país. A notícia selecionada ainda informa que o partido Liberdade e Justiça “afirmou em comunicado que o confronto entre torcidas em um estádio de futebol em Port Said foi provocado por partidários do ex-ditador Hosni Mubarak.” Assim, fica evidente o caráter político do time, presente até dentro das partidas. Após o confronto, torcedores do Ah Ahly foram se manifestar contra a junta militar que governava o país, em decorrência do acontecido no dia anterior à publicação da matéria. Após o incidente, inúmeras personalidades ao redor do mundo manifestaram suas condolências e expressaram tristeza com o ocorrido em Port Said.

A chefe da diplomacia da União Europeia, Catherine Ashton, requisitou uma investigação “imediate e independente” sobre o ocorrido. (...) Blatter exige que o Egito desenvolva um plano de ação para que os eventos não se repitam. Ele não se pronunciou sobre a

destituição do presidente e dos membros do conselho da Federação Egípcia de Futebol, anunciada mais cedo pelo primeiro-ministro egípcio Kamal al-Ganzuri. A destituição dos dirigentes da federação de futebol egípcia pelo primeiro-ministro pode ser vista pela Fifa como um descumprimento do estatuto da entidade que controla o futebol mundial, já que proíbe interferência de governos nos assuntos do esporte.

A matéria termina com uma frase do jogador Mohamed Abo Treika, do Al-Ahly, dizendo: “Isso não é futebol, é guerra”.

O texto, informando sobre manifestações que pediam “justiça” pelo incidente que deixou mais de 1000 feridos, torna o time unicamente um objeto político. As palavras “partida”, “futebol” e “estádio”, na matéria, sempre estão ligadas aos termos “guerra”, “massacre”, “partido”, “partidários”. Ou seja, a qualidade técnica do time, demonstrada no jogo que aconteceu antes do massacre, se tornou um caminho para a discussão de rivalidade política no Egito. O Al-Ahly, despido de seus títulos, é tido somente como personagem de um dos mais trágicos acontecimentos da história do futebol egípcio.

O que, no entanto, chama a atenção é o tratamento dado ao protagonismo da equipe em outras esferas da sociedade que não só o esporte e o futebol, por parte de um veículo como a *Folha de S. Paulo*, presente em um país como o Brasil, cuja cultura quase nunca permite a “ponte” entre futebol e diferentes assuntos. O futebol brasileiro, diferente do egípcio, não tem esse caráter político e revolucionário, engajado ao ponto de seus torcedores saírem às ruas para protestarem vestidos com seus agasalhos e uniformes. Para um veículo que está desacostumado com o engajamento do esporte visível no Egito, é comum relacionar o futebol à violência. O que se percebe, então, é o olhar orientalista, visto que Edward Said se empenhou em entender essa formação de estereótipo ao se falar do Oriente com a visão do Ocidente. O tom estranho que é dado às manifestações, como algo que não é recorrente ao mundo ocidental, aparece nas descrições e em relatos que evidenciam a importância do esporte nas decisões políticas no país.

Assim, na segunda matéria analisada, todos os ganchos dados ao fato gerador, que foram as manifestações que pediam esclarecimentos sobre a tragédia ocorrida em 01/02/2012, remetem o futebol aos atos violentos do país, tornando quase que impossível a diferenciação entre time de futebol e engajamento político violento.

Franklin Foer, ao escrever seu livro *Como o futebol explica o mundo*, não teve conhecimento dos atos envolvendo o Al-Ahly, por tais eventos terem acontecido posteriormente sua publicação. No entanto fica claro que o futebol egípcio consegue denunciar a fragilidade do país nos assuntos que remetem a política e ao entrave de ideologias. Num evento como o ocorrido no estádio de Port Said, o futebol do Egito, e mais especificamente o time do Al-Ahly, demonstra como esporte e religião, esporte e política, esporte e problemas sociais estão enlaçados, fazendo com que uma possível explicação para esses fatos traga à tona as realidades do país. Os conflitos políticos estão presentes dentro dos estádios de futebol – considerados locais de descontração no Brasil – e assim o esporte consegue mostrar as diferenças entre as culturas nas quais está presente. Como destacado nessas duas matérias, entre inúmeras das quase 300 lidas até a data de estabelecimento do *corpus* dessa pesquisa, o futebol do Al-Ahly consegue explicar seu país, e a editoria Mundo da *Folha de S. Paulo* é um dos meios que torna possível compreender essa explicação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o Al-Ahly seja um dos mais vitoriosos times do mundo e a despeito de sua grandeza no meio esportivo, é impossível não dar atenção aos seus feitos políticos, em busca de igualdade social e de melhores condições de vida para os egípcios. A *Folha de S. Paulo*, ao retratá-lo em uma editoria que foge do cunho esportivo, permite ao leitor ver o time tornar-se mais importante como agente político do que como time esportivo. Assim, o veículo de imprensa usa o time para caracterizar as diretrizes políticas dos egípcios, como no caso da primeira matéria apresentada como destaque, e o esporte como meio que delata a violência no país, como na segunda. Conforme o estudo de Edward Said, o Ocidente, retratando o Oriente, fala de algo externo a si, conduta de que é exemplo a ênfase, em veículos impressos do país, sobre a relação entre futebol e política no Egito, incomum no Brasil, que separa de forma demarcada as duas esferas.

REFERÊNCIAS

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

SAID, Edward W. **Orientalismo - O Oriente como invenção do Ocidente**. Tradução: Rosaura Eichenberg, São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

FIFA. **Al Ahly Sporting Club**. Disponível em: <<http://www.fifa.com/classicfootball/clubs/club=1897032/>>. Acesso em 23/02/2015.

AL Ahly é o clube com mais títulos internacionais; São Paulo é o 7°. **Placar**, São Paulo, 21 abril 2014. Disponível em: <<http://placar.abril.com.br/materia/ah-ahly-e-o-clube-com-mais-titulos-internacionais-sao-paulo-e-o-7o-na-lista/>>. Acesso em 23/02/2015.

CONFRONTO em estádio agrava tensões políticas no Egito; 74 morreram. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 02 fev. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2012/02/1043044-confronto-em-estadio-agrava-tensoes-politicas-no-egito-74-morreram.shtml>>. Acesso em 23/02/2015.

NINIO, Marcelo. Votação da Carta vira referendo sobre presidente do Egito. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 16 dez 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2012/12/1202152-votacao-de-carta-vira-referendo-sobre-presidente-do-egito.shtml>>. Acesso em 23/02/2015.

ANEXO A

Votação de Carta vira referendo sobre presidente do Egito

MARCELO NINIO
ENVIADO ESPECIAL AO CAIRO

16/12/2012 08h22

Eleitores formaram longas filas ontem no Cairo para o primeiro dia do referendo constitucional que aprofundou a divisão entre liberais e islamitas e ameaça prolongar a instabilidade no Egito.

A intensa polarização política no país ampliou o significado da votação para além do controvertido projeto de Constituição, transformando-a em referendo sobre o desempenho do presidente islamita, Mohamed Mursi.

Os opositores do presidente e seu movimento, a Irmandade Muçulmana, enumeravam as falhas da nova Carta, mas deixavam claro que o "não" no referendo seria acima de tudo um voto de protesto contra Mursi.

Mahmoud Khaled/AFP



Egípcios lançam seus votos durante referendo sobre uma constituição elaborada pelos partidários islâmicos do presidente Morsi

Nasser Nasser/AP



Egípcios lançam seus votos durante referendo sobre uma constituição elaborada pelos partidários islâmicos do presidente Morsi



Egípcios lançam seus votos durante referendo sobre uma constituição elaborada pelos partidários islâmicos do presidente Morsi



Egípcios lançam seus votos durante referendo sobre uma constituição elaborada pelos partidários islâmicos do presidente Morsi



Egípcios lançam seus votos durante referendo sobre uma constituição elaborada pelos partidários islâmicos do presidente Morsi

"Não li a Constituição, mas entendi pelos debates na TV que ela não atende às necessidades mais urgentes, como criação de empregos", disse o estudante Mohamed Eisham, 20, vestido com um agasalho do time Al Ahly.

Na mesma sessão eleitoral, instalada numa escola do humilde bairro de Khalifa, o marítimo aposentado Mitwaly Atia, 67, exibia orgulhoso o dedo pintado após votar a favor da Constituição.

"Li todos os 236 artigos e estou convencido de que esse documento abrirá uma nova fase no Egito, acabando com os privilégios anteriores à revolução", disse Atia.

Sob a ameaça de repetição dos violentos confrontos das últimas semanas, milhares de policiais e soldados foram destacados para garantir a votação, que ocorre em duas etapas --ontem em dez províncias, no próximo sábado (dia 22) nas 17 restantes.

Apesar da tensão que antecedeu o referendo, deflagrada pelo decreto que deu superpoderes a Mursi, a primeira fase de votação ocorreu sem graves

incidentes.
sem consenso

O repúdio ao projeto de Carta do governo islamita não significa um conflito religioso, declarou à **Folha** um dos líderes da Frente Nacional de Salvação, a principal coalizão de oposição egípcia.

Segundo o ex-chanceler Amr Moussa, candidato derrotado nas eleições que levaram a Irmandade ao poder, o maior problema não é o peso extra dado à lei islâmica no documento, mas a incapacidade de criar consenso.

"O projeto de Constituição sem dúvida é mais religioso do que as Cartas anteriores. Mas o conflito não é religioso. É social e econômico, trata das liberdades básicas."

A aliança liderada por Moussa e pelo Nobel da Paz Mohamed ElBaradei chegou a considerar o boicote ao referendo, mas acabou optando por campanha pelo "não".

Caso a carta seja aprovada, a instabilidade continuará, prevê Moussa, já que seu conteúdo deixa muitas lacunas. "Aumenta a confusão, porque muitos de seus artigos são vagos demais", disse.

Para a Irmandade, a carta concluirá a transição política, devolvendo a estabilidade de que o país necessita.

Confronto em estádio agrava tensões políticas no Egito; 74 morreram

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

02/02/2012 15h47

Os torcedores do time de futebol do Egito Al Ahly promoveram nesta quinta-feira grandes manifestações pela capital Cairo para pedir justiça no dia seguinte à briga entre fãs do clube e do Al Masry na cidade litorânea de Port Said, que terminou com a morte de pelo menos 74 pessoas.

A manifestação principal começou na frente da sede do Al Ahly, em Zamalek, para dirigir-se em seguida à praça Tahrir, onde os torcedores se uniram a um grupo de manifestantes contra a junta militar que governa o país, em protesto contra a maior tragédia da história do futebol egípcio.

Os torcedores e os manifestantes gritaram palavras de ordem contra a cúpula militar e seu chefe, o marechal Hussein Tantawi, pedido sua renúncia imediata e exigindo investigação das responsabilidades do confronto que, segundo eles foi causado pela negligência das forças de segurança.

O grupo foi apoiado por fãs do Zamalek, principal rival do Al Aly, e também por ativistas de movimentos juvenis. De acordo com informações de agências de notícias Reuters e Associated Press, a polícia usou bombas de gás lacrimogêneo para conter o protesto, que já conta com a participação de cerca de 10 mil pessoas.



Torcedores se juntam a manifestantes na praça Tahrir para protesto contra junta militar e por democracia

REAÇÕES

Países do Ocidente enviaram suas condolências e pediram investigações para esclarecer a briga. A chefe da diplomacia da União Europeia, Catherine Ashton, requisitou uma investigação "imediate e independente" sobre o ocorrido.

Já os Estados Unidos expressaram o pesar em torno do confronto, em comunicado da porta-voz do Departamento de Estado, Victoria Nuland.

"Nossos pensamentos e orações estão com aqueles que foram afetados pela violência e suas famílias".

O presidente da Fifa, Joseph Blatter, pediu um relatório detalhado sobre as causas dos incidentes à federação de futebol egípcia e disse que "o futebol não pode ser manchado por aqueles que pretendem o mau (*sic*)".

Blatter exige que o Egito desenvolva um plano de ação para que os eventos não se repitam. Ele não se pronunciou sobre a destituição do presidente e dos membros do conselho da Federação Egípcia de Futebol, anunciada mais cedo pelo primeiro-ministro egípcio Kamal al-Ganzuri.

A destituição dos dirigentes da federação de futebol egípcia (*sic*) pelo primeiro-ministro pode ser vista pela Fifa como um descumprimento do estatuto da entidade que controla o futebol mundial, já que proíbe interferência de governos nos assuntos do esporte.



Confusão no gramado de estádio egípcio acaba em tragédia em imagem de reprodução da CNN; [Veja imagens](#)

RESPONSABILIDADE

O primeiro-ministro do Egito, Kamal Ganzuri, reconheceu nesta quinta-feira ser o responsável político pela briga de torcidas que aconteceu em um estádio na cidade de Port Said, em que pelo menos 74 pessoas morreram.

O premiê informou à Câmara Baixa do Parlamento e ao presidente da Federação de Futebol do Egito que destituiu os chefes dos serviços de Segurança e Inteligência de Port Said após a tragédia. A junta militar decretou luto de três dias em memória às vítimas do confronto.

Mais cedo, o presidente do Parlamento, Saad Katatni, do Partido Liberdade e Justiça (PLJ), afirmou que a tragédia foi devido a "deficiência e negligência" das forças de segurança. "Eles não cumpriram nem com sua

missão nem com sua profissão pela falta de organização em relação a estes acontecimentos".

Em uma sessão de emergência da Câmara Baixa, Katatni afirmou que "houve advertências do que poderia acontecer que foram enviadas com tempo suficiente, mas esses avisos não alertaram as forças de segurança para fazer seu trabalho".

Ele considerou que o confronto entre torcidas de ontem não é um incidente casual, mas faz parte de uma série de acontecimentos por que passa o país nos últimos meses.

Na quarta (1º), o Partido Liberdade e Justiça, que lidera o Parlamento do Egito, afirmou em comunicado que o confronto entre torcidas em um estádio de futebol em Port Said foi provocado por partidários do ex-ditador Hosni Mubarak.



Reuters

Torcedores protestam na estação de trem Ramses, no Cairo, após voltar de jogo em que pelo menos 74 morreram

MASSACRE

Um jogo de futebol no Egito terminou em tragédia com pelo menos 74 mortos depois das torcidas invadirem o campo e brigarem no gramado.

"Isso é lamentável e profundamente triste. É o maior desastre da história do futebol egípcio (*sic*)", disse o vice-ministro da Saúde, Hesham Sheiha, à TV estatal do país, segundo a Reuters.

A confusão aconteceu depois de uma partida entre os times Al Ahly, do Cairo, e Al Masry, de Port Said, local do confronto (que fica a 200 km da capital), que terminou 3 a 1 para os anfitriões.

O presidente da Fifa, Joseph Blatter, classificou a tragédia como inimaginável.

"Este é um dia negro para o futebol. Uma situação tão catastrófica é inimaginável e não deveria acontecer. ", disse o dirigente.

"Isto não é futebol, é guerra", relatou o jogador Mohamed Abo Treika, do Al Ahly.